
“A roupa nova dos reis”: interculturalidade e saberes das indumentárias usadas na Festa da Marierrê

Fernanda Nílvea Pompeu Varela*, Maria Betânia Barbosa Albuquerque**

Resumo

O artigo “*A roupa nova dos reis*”: *Interculturalidade e saberes das indumentárias usadas na festa da Marierrê* tem como objetivo investigar as indumentárias e os saberes interculturais interpostos nas vestimentas da Marierrê como símbolos de poder e de resistência cultural. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de natureza etnográfica, apoiada nos estudos de Geertz (2008). Ancora-se nos pressupostos teóricos de Walsh (2009) e Vera Candau (2012). Dentre as considerações, a pesquisa aponta para a presença da interculturalidade crítica e de saberes que perpassam as indumentárias luxuosas, coloridas e pomposas usadas pela realeza durante os dias da Marierrê. Em vista disso, tais indumentárias configuram-se como educativas ao comunicarem significados que articulam elementos da ancestralidade, da identidade cultural amazônica e da resistência às estruturas coloniais.

Palavras-chave: educação; indumentária; interculturalidade.

“The kings new clothes”: Interculturaly and knowledge of the costumes worn at the marierrê festival

Abstract

The article “*The Kings New Clothes*”: *Interculturality and Knowledge of the Costumes Worn at the Marierrê Festival* aims to investigate the costumes and intercultural knowledge embedded in the attire of Marierrê as symbols of power and cultural resistance. This qualitative, ethnographic study is supported by Geertz’s (2008) work and is anchored in the theoretical assumptions of Walsh (2009) and Vera Candau (2012). Among its findings, the research highlights the presence of critical interculturality and knowledge that permeate the luxurious, colorful, and grand costumes worn by royalty during the Marierrê festival. These costumes serve an educational role, communicating meanings that interweave elements of ancestry, Amazonian cultural identity, and resistance to colonial structures.

Keywords: education; clothing; interculturality.

«El traje nuevo de los reyes»: Interculturalidad y Conocimiento de los Trajes Usados en la Fiesta de Marierrê

Resumen

El artículo «*El traje nuevo de los reyes*»: *interculturalidad y conocimiento de los trajes usados en la fiesta de Marierrê* tiene como objetivo investigar los trajes y el conocimiento intercultural incrustado en el atuendo de Marierrê como símbolos de poder y resistencia cultural. Este estudio cualitativo y etnográfico se apoya en la obra de Geertz (2008) y está anclado en los supuestos teóricos de Walsh (2009) y Vera Candau (2012). Entre sus conclusiones, la investigación destaca la presencia de la interculturalidad crítica y el conocimiento que impregnán los lujosos,

* Doutoranda em Educação pela Universidade do Estado do Pará (UEPA). Mestra em Educação e Cultura pela UFPA, Campus de Cametá. Professora de Língua Portuguesa em Cametá. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3282-0359>. Lattes: <https://lattes.cnpq.br/1415870401124224>. E-mail: nilcameta@yahoo.com.br.

** Doutora em educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, com pós-doutorado na Universidade de Coimbra- Pt. Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação da UEPA. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9681-9293>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6849661131305117>. E-mail: mbbalbuquerque@gmail.com.

coloridos y grandiosos trajes usados por la realeza durante el festival Marierrê. Estos trajes cumplen una función educativa, comunicando significados que entrelazan elementos de ancestralidad, identidad cultural amazónica y resistencia a las estructuras coloniales.

Palabras clave: educación; vestimenta; interculturalidad.

INTRODUÇÃO

Este artigo analisa a presença da perspectiva intercultural e os saberes estéticos refletidos nas indumentárias utilizadas na festa de Nossa Senhora do Rosário, popularmente conhecida como Marierrê, realizada na vila de Carapajó, no interior da Amazônia Tocantina. A Marierrê, ocorrida anualmente entre os dias 24 e 26 de dezembro, é um evento sacro-profano que movimenta a comunidade local e atrai visitantes, e seus ritos são marcados, dentre outros fatores, pelo uso de diversas indumentárias que vestem os reis, os príncipes e as mucamas.

Costa (2020) narra a Marierrê como o movimento/ritual que tem a ver com a simbologia que essa expressão ganha no momento que as vozes negras, masculina e feminina, entoam o canto principal desse ritual, seja nas ruas, seja na igreja, pois o canto, na íntegra, denota liberdade, não só pela força com que é cantada, mas também porque exprime “surpresa, olha eu aqui!”. Essa expressão teria sido incorporada à dança de roda praticada pelos escravos, que acabou sendo chamada de Marierrê.

Os ritos dessa festividade envolvem peculiaridades que perpassam pela coroação de um rei e de uma rainha e culminam em ceremoniais regados a beberagens, em que se destaca o consumo da desembirra, a distribuição de comidas, além do uso de diversas indumentárias que vestem os reis, os príncipes e as mucamas.

Notadamente, a interculturalidade crítica manifesta-se nas indumentárias luxuosas, coloridas e pomposas usadas pela realeza durante os dias da Marierrê e reflete uma complexa rede de significados históricos e culturais. Esses trajes carregados de simbolismo não apenas embelezam o evento, mas também revelam um diálogo entre tradições locais e influências coloniais que atravessaram gerações. As vestimentas suntuosas, ao mesmo tempo que remetem a um imaginário de poder e de nobreza, incorporam elementos da cultura afro-indígena amazônica, evidenciando uma ressignificação crítica da herança colonial. Segundo Walsh (2009), a interculturalidade crítica desafia as estruturas de poder e de conhecimento coloniais ao valorizar as práticas culturais historicamente marginalizadas. Assim, o uso dessas roupas durante a coroação simboliza a reapropriação de símbolos, de status e de poder, agora

ressignificados pela comunidade que reivindica sua identidade e sua memória através da celebração. Portanto, as indumentárias da Marierrê não são apenas ornamentos, mas veículos de resistência e afirmação identitária.

A estética, muitas vezes vista como um adorno superficial, configura-se como um meio de expressar e de reforçar conexões profundas relacionadas a um modo de festejar e a algumas nuances das festas ocorridas no Brasil Colonial. Essa perspectiva propõe uma visão mais holística e interconectada do festejar, na qual as práticas estéticas não estão separadas da vida cotidiana, posto que são parte essencial de um território de significados que permeiam todas as dimensões da Marierrê.

Albuquerque Júnior (2011), ao estudar a educação na religião do Santo Daime, chama de educação estética certo tipo de conhecimento mediado pelo canto e pela música. A despeito do que é registrado pela autora como saberes estéticos, agregamos ainda, a dança e as indumentárias presentes no rito festivo da Marierrê. Com isso, entendemos que uma educação estética auxilia na compreensão da Marierrê e no entendimento da própria identidade dessa população da Amazônia Tocantina.

A análise deste artigo foca nas roupas usadas pelos participantes e como essas indumentárias transcendem a perspectiva de mero adorno estético. Configuram-se, portanto, como educativas ao comunicarem significados profundos que articulam elementos da ancestralidade, da identidade cultural amazônica e da resistência às estruturas coloniais.

A partir do referencial da interculturalidade crítica, buscamos compreender como os saberes estéticos presentes nas vestimentas da Marierrê expressam práticas culturais que dialogam com tradições locais e, ao mesmo tempo, contestam as heranças coloniais manifestadas na imposição de culturas dominantes sobre as tradições indígenas e afrodescendentes. Durante os dias do rito, ao utilizarem elementos culturais próprios nas indumentárias, os festantes da Marierrê afirmam suas identidades e seus saberes ancestrais, reapropriando-se de símbolos que foram historicamente marginalizados. Segundo Candau (2012, p. 373), a interculturalidade crítica "[...] problematiza as relações de poder entre diferentes grupos culturais, destacando a importância de práticas pedagógicas que promovam o reconhecimento e a valorização dos saberes historicamente marginalizados".

Nesse contexto, as vestimentas da festa podem ser vistas como uma expressão visual dessa luta contra a colonização cultural, ao mesmo tempo que evidenciam a força e a

riqueza das culturas locais. Na festa da Marierrê, os símbolos presentes nas vestimentas ressignificam elementos culturais afrodescendentes que foram historicamente marginalizados durante o período colonial. Esses símbolos incluem o uso de cores, de tecidos, de adornos e de formas que remetem às tradições espirituais e culturais suprimidas pela colonização.

As cores empregadas, por exemplo, frequentemente possuem significados profundos, especialmente nas religiões afro-brasileiras, como o Candomblé e a Umbanda. Nesse sentido, é importante ressaltar que durante o período colonial e mesmo após, essas tradições religiosas foram perseguidas e estigmatizadas, sendo vistas como primitivas ou perigosas pelo poder dominante. Segundo Schwarcz (1998), a lógica colonial tentou apagar as religiões afrodescendentes e impor o cristianismo como única forma válida de espiritualidade, o que levou à marginalização de práticas religiosas e estéticas afro-brasileiras. No entanto, na festa da Marierrê, o uso de cores ligadas aos orixás e as entidades sagradas funciona como uma reapropriação desses símbolos, reafirmando o orgulho e a resistência dessas tradições.

Durante o período colonial, a utilização de materiais luxuosos por pessoas afrodescendentes era visto como uma afronta à ordem social, pois a sociedade colonial se baseava-se na hierarquia racial e na segregação de recursos. Cunha (2009) observa que as práticas culturais afrodescendentes, especialmente as que exaltavam símbolos de poder e de nobreza, foram reinterpretadas pelos colonizadores como uma ameaça à estrutura de dominação. Desse modo, o emprego de tecidos finos e adornos sofisticados na festa da Marierrê reinterpreta esses materiais, exaltando a ancestralidade africana e sua ligação com a realeza e o poder espiritual. O veludo, a seda e as pedrarias representam a riqueza de uma tradição que foi marginalizada, mas que continua viva nas práticas culturais locais.

Os adornos e os acessórios, como colares, braceletes e turbantes, também desempenham um papel fundamental nessa resistência cultural. Muitas dessas peças estão ligadas às tradições religiosas e sociais que foram criminalizadas ou desvalorizadas pela lógica colonial, que via os símbolos da realeza africana como ameaças ao poder imposto. Hall (2003) diz que a cultura afrodescendente sempre foi um campo de luta e de contestação, onde os símbolos de poder e de espiritualidade eram vistos como formas de resistência. Na festa da Marierrê, esses adornos são uma forma de recuperar essa dignidade, ao mesmo tempo em que contestam as heranças coloniais que buscaram inferiorizar essas tradições.

Esses símbolos, ao serem incorporados nas vestimentas da festa, se tornam uma poderosa forma de resistência contra a história de marginalização imposta pela colonização. Eles expressam uma luta contínua pela afirmação identitária e pela valorização dos saberes ancestrais, contestando as heranças coloniais que tentaram suprimir essas tradições e, ao mesmo tempo, resgatar a dignidade e a importância histórica das culturas afrodescendentes.

A partir dessas notações, este artigo objetiva investigar as indumentárias da Marierrê e os saberes interculturais interpostos nessas vestimentas como símbolos de poder e de resistência cultural. Além disso, buscou-se explorar como essas práticas estéticas podem ser compreendidas dentro de uma ontologia relacional que conecta os participantes da festa a um passado de opressão colonial ao mesmo tempo em que promovem uma educação intercultural crítica que valoriza os saberes locais.

Diante disso, procuramos refletir de que maneira as indumentárias utilizadas na festa da Marierrê expressam saberes interculturais e como essas práticas estéticas podem ser compreendidas no âmbito da interculturalidade crítica? A resposta a essa questão permitiu compreender de que forma esses saberes atuam como mediadores de práticas culturais que ultrapassam o campo do estético e tocam em aspectos políticos e identitários centrais para as comunidades amazônicas.

Metodologicamente, esta pesquisa é fundamentada em estudos sobre a interculturalidade crítica, utilizando uma abordagem etnográfica, apoiada nos estudos de Geertz (2008) para compreender as dinâmicas culturais presentes na festa da Marierrê. Esta abordagem busca investigar como as práticas culturais e as vestimentas dos participantes expressam a intersecção entre heranças afrodescendentes e influências coloniais.

Complementarmente, segundo Walsh (2009), a interculturalidade crítica envolve a valorização do diálogo entre os diferentes saberes e a problematização das relações de poder entre grupos culturais. Vera Candau (2012) enfatiza a importância de reconhecer e de valorizar as vozes marginalizadas, promovendo uma educação que reflita a diversidade cultural e suas complexidades. A pesquisa baseou-se na observação participante e na análise das simbologias presentes nas indumentárias, já que buscou-se compreender como esses elementos contribuem para a construção de identidades locais e para a resistência cultural na comunidade de Carapajó.

A ROUPA NOVA DOS REIS: TECENDO APROXIMAÇÕES ENTRE INTERCULTURALIDADE E SABERES

No livro *As Barbas do Imperador*, Schwarcz (1998) explora como a imagem de Dom Pedro II foi cuidadosamente construída através de símbolos, de rituais e, sobretudo, de suas vestimentas, que serviram para consolidar sua autoridade e a ideia de um poder imutável. Neste artigo, utilizamo-nos da metáfora "a roupa nova dos reis" para tecer relações com a narrativa construída por Schwarcz (1998), quando aponta para as vestes e aparências públicas como acessórios para deflagrar status políticos e sociais, funcionando como um disfarce simbólico de legitimidade.

A ideia de disfarce simbólico de legitimidade refere-se ao uso das vestimentas e da imagem pública como uma forma de construir e de manter o poder ou a autoridade, mesmo quando a base desse poder pode ser mutável, visto que na Marierrê, a cada ano uma nova corte real é formada. No caso de Dom Pedro II, como descrito por Schwarcz (1998), as roupas e os símbolos da realeza serviam para reforçar a ideia de legitimidade do seu governo, criando uma imagem de estabilidade e de grandiosidade que mascarava fragilidades políticas ou tensões sociais presentes no Império. Ou seja, o visual era uma forma de sustentar a autoridade imperial, apesar dos desafios internos e externos à monarquia.

Em Carapajó, os reis e as rainhas negras da festa da Marierrê utilizam trajes suntuosos para reinterpretar as tradições afrodescendentes no contexto amazônico, estabelecendo um diálogo entre heranças africanas e influências coloniais. Para exemplificar, no caso de Dom Pedro II, observa-se que as vestimentas suntuosas, típicas da monarquia europeia, era uma forma de reafirmar seu poder e sua autoridade no Brasil, representando a continuidade da cultura e tradição imperial.

Ao estabelecer essa conexão com as vestimentas da Marierrê, podemos dizer que os reis e as rainhas negras da festa também utilizam trajes luxuosos e ornamentados como uma forma de simbolizar poder e resistência, reinterpretando esses códigos coloniais de vestimenta. Nesse caso, essa apropriação estética serve para reafirmar a identidade afrodescendente e contestar as heranças coloniais, transformando os símbolos de dominação em símbolos de realeza e de dignidade cultural negra, ressignificando o que originalmente era um marcador de dominação europeia.

As indumentárias são elementos estéticos constituintes de uma das identidades da Marierrê e podem estimular, mesmo de maneira inconsciente, um trabalho reflexivo e interpretativo sobre a aprendizagem de códigos sociais estabelecidos pelo rito. Nos dias em que a festa acontece, seja na casa santa, seja nos palácios reais, esse acervo material, histórico e educativo, presente nas indumentárias da festa, ficam à disposição dos festantes que têm a oportunidade de ver e conhecer o significado de cada um.

De acordo com Bakhtin (1987; 1997), todos os artefatos culturais (produtos de criação ideológica, como por exemplo, arte, tratados acadêmicos, símbolos religiosos, ritos, etc.) manifestam-se enquanto coisas materiais. Lachmann (1988, p. 136) evidencia que artefatos são, no entanto, “[...] coisas de uma ordem específica, pois transmitem sentido, formam significado e têm valor”.

Nas festas negras, a estética não apenas adorna, mas também reafirma a ancestralidade e a dignidade do povo negro. As vestimentas elaboradas e coloridas da realeza da Marierrê não são meros trajes, mas manifestações simbólicas que narram histórias de luta, de memória e de pertencimento dentro da diáspora africana no Brasil, como visto na imagem 1 abaixo.

Foto 1 - Corte real



Fonte: Arquivos da pesquisa (2022)

Na imagem acima, a corte real encontra-se na casa Santa recepcionando os convidados da Marierrê. Os trajes usados nessa ocasião vislumbram o dia 26 de dezembro, momento e/ou data onde o rei e a rainha recebem as suas respectivas coroas. Pela imagem é possível perceber a altivez do corpo real e o luxo contido nas indumentárias, os quais anunciam que é chegado o momento da coroação. A roupa *fala* aos carapajoenses: *Eis aqui os reis!*

Em uma perspectiva cultural, os saberes estéticos incorporam ritmos, gestos e expressões corporais que comunicam valores éticos e espirituais profundamente enraizados na tradição afro-brasileira. As indumentárias com suas cores e formas são meios da comunidade carapajoense reafirmar sua conexão espiritual com os antepassados e sua contribuição à diversidade cultural amazônica.

Os festantes carapajoenses não se limitam a reproduzir os traços das festas negras de outros momentos históricos do Brasil, mas atuam como aprendizes ativos na criação de uma nova realidade simbólica, baseada em suas próprias experiências sociais e na memória dos festejos africanos. Nesse sentido, afirma Schwarcz (1998), ao adaptarem os rituais católicos às suas realidades, negros no Brasil introduzem novas versões desses rituais, utilizando-os como elementos de identificação.

Da mesma forma, as indumentárias da Marierrê, embora dialoguem com tradições africanas e católicas, carregam marcas de uma identidade local única, refletindo a ressignificação cultural e a criação de uma estética própria, que une heranças afrodescendentes e influências amazônicas. Kidder e Fletcher (1868) *apud* Schwarcz (1998, p. 260) fornecem elementos interessantes para avaliar a importância das festas no Brasil: “[...] Em tais momentos, negros convertidos ao catolicismo acabam se valendo de festa e procissões religiosas para criar elementos de identificação: aderem aos rituais católicos, mas introduzem novas versões para eles”.

Tal composição é observada com relação às indumentárias utilizadas pelos festantes de Marierrê, pois embora dialoguem com tradições africanas e católicas, carregam marcas de uma identidade local única.

Ademais, ao longo dos anos, os participantes não apenas reproduzem elementos tradicionais, como as coroas, o cetro e os vestidos luxuosos, mas ressignificam as indumentárias de acordo com suas vivências e seus contextos regionais e, a partir dessa reelaboração, criam símbolos que expressam suas singularidades culturais, formando uma estética própria. Como afirma Candau (2008, p. 36), “[...] a interculturalidade crítica implica reconhecer as múltiplas influências culturais, mas também as recriações e ressignificações que ocorrem no processo”.

As vestimentas da festa de Marierrê traduzem a Amazônia ao incorporar elementos

que refletem tanto a riqueza cultural quanto as condições climáticas da região. Embora sejam elaboradas e sofisticadas, com tecidos finos e adornos que evocam uma estética de realeza, essas roupas também são adaptadas às características do ambiente amazônico. Os materiais utilizados, como seda e veludo, podem parecer mais associados aos climas temperados, mas na prática, são escolhidos para representar o prestígio e a dignidade das tradições afrodescendentes.

Além disso, as roupas muitas vezes apresentam cortes e estilos que permitem maior conforto em um clima quente e úmido. As cores vibrantes e os bordados também refletem a diversidade da flora e da fauna amazônica, criando uma conexão estética com a paisagem local. Assim, as indumentárias da Marierrê não apenas expressam a sofisticação da cultura afrodescendente, mas também se adaptam à vivência cotidiana na Amazônia, unindo tradição e inovação em um contexto que é, ao mesmo tempo, local e global. Essa dualidade torna a identidade visual da festa profundamente enraizada nas especificidades de Carapajó, refletindo a riqueza cultural da região.

Ao analisar as práticas festivas dos carapajoenses, especificamente o modo como se vestem para a festa, percebe-se a conexão com a interculturalidade crítica visto a ressignificação da prática do festejar em um novo contexto social. Dessa forma, a oportunidade de refletir a relação entre indumentárias, saberes e a interculturalidade é um convite para os(as) leitores(as) perceberem nas práticas oriundas do festejar as possibilidades de deslocamentos de sujeitos, de objetos e de ritos, bem como o reconhecimento de protagonistas para além dos lugares colonizados onde historicamente foram relegados/as.

A festa da Marierrê não apenas celebra a memória dos festejos africanos, ela também os reinterpreta, refletindo as experiências e as lutas contemporâneas dos participantes. De acordo com Fleuri (2020, p. 17), a interculturalidade crítica "[...] propõe aprender com as culturas e práticas locais, valorizando seus saberes e modos de ser, em oposição às imposições coloniais". Nessa perspectiva, as indumentárias e os símbolos utilizados na festa, como a Corte Real, articulam-se à ancestralidade reconfigurada, na qual o poder, a riqueza e a religiosidade das realezas africanas são reavivados e reinterpretados pelos festantes.

Candau (2012, p. 373) acrescenta que "[...] a interculturalidade crítica problematiza as relações de poder entre diferentes grupos culturais, destacando a necessidade de práticas

pedagógicas que promovam o reconhecimento dos saberes marginalizados". Nesse sentido, as festas não são apenas uma celebração, mas um espaço de construção identitária e de resistência cultural, onde os carapajoenses reafirmam sua própria história, utilizando-se de elementos que remetem à realeza africana para reivindicar sua presença no território amazônico. Essa prática reflete o que Walsh (2009, p. 42) chama de "[...] releitura das práticas culturais a partir de uma perspectiva decolonial", ao subverter os símbolos de opressão e ressignificá-los dentro de um novo contexto cultural.

Assim, ao associar as festas carapajoenses à uma ancestralidade luxuosa e suntuosa, o trecho corrobora com a afirmação de Rodrigues *et al.* (2007) já que:

[...] as culturas populares são marcadas pela hibridização com outros sistemas culturais, especialmente pela relação de dominação com as culturas eruditas [...] e pelas condições sociais concretas de opressão e formas de sobrevivência e resistência (Rodrigues, *et al.* 2007, p. 29).

Assim, a ressignificação das indumentárias e dos símbolos festivos pelos carapajoenses se alinha a uma proposta intercultural crítica que não apenas rememora o passado, mas transforma e reinterpreta as práticas culturais em um diálogo constante com o presente. Sobre isso, Ramos, Nogueira e Franco (2020) destacam que:

[...] O intercultural está atrelado à igualdade de oportunidades, de forma a reconhecer os conhecimentos e os saberes de cada cultura, promover o enriquecimento das diferenças culturais em uma perspectiva coletiva. Trata-se de um projeto em comum, o qual enfatiza que todas as culturas podem e devem ser reconhecidas em suas especificidades, cujas diferenças são integradas - e não excluídas - dentro de um aspecto social, cultural (Ramos; Nogueira; Franco, 2020, p. 8).

As autoras chamam de aspecto cultural para uma das características mais notórias quanto à indumentária do rei e da rainha: o fato de usarem três roupas diferentes, cada uma confeccionada para ser usada em dias específicos da festa. Vale ressaltar, que essas indumentárias são produzidas e confeccionadas por mulheres. As vestimentas do rei e da rainha não só transmitem o significado que aquela ocasião tem para as pessoas, como também a posição deles em um lugar de privilégio no rito.

As peças são bordadas à mão com pedrarias e vidrilhos. Compondo as indumentárias, os mantos, as coroas, os cetros e os calçados (botas e sapatilhas) e as luvas destacam o lugar social da corte. Tais assimilações em relação ao patrimônio material da festa,

não são exclusivas à Marierrê, posto que já havia entre as populações negras, durante o período colonial, a inclinação ao festejar com luxo e fartura.

Exposto isso, no dia 24 de dezembro, primeiro dia de festa, escolhe-se para o rei e para o príncipe, ternos de cores mais leves e neutras, paletó, gravata, calça feita em linho, sapatos pretos, geralmente bem engraxados. A rainha usa um vestido de cor leve, com bordados mais simples e pouca pedraria e o uso da luva é opcional. Também usa um penteado prendendo os cabelos e enfeitando-os com flores ou imitação de pérolas.

No segundo dia, 25 de dezembro, as roupas ganham um toque mais sofisticado. O vestido da rainha inclui várias camadas, dando maior volume e fluidez à saia e o uso da luva é agregado ao conjunto das vestes e passa a ser obrigatório por deduzir maior requinte. O rei, traz um traje ainda mais elegante que o usado no primeiro dia. O terno sempre alinhado e os cabelos bem penteados passam a imagem de um amadurecimento possibilitado pelo período de preparação para esse reinado, observar a imagem 2.

Foto 2 - Dia de apresentação do casal real



Fonte: Arquivos da pesquisa (2021)

No terceiro e último dia, 26 de dezembro, algumas normas se perpetuam, especialmente, as que determinam o vestuário por ocasião da coroação. O vestido da rainha é o mais elaborado, ver imagem 3, se comparado aos outros dias do evento, ganha cores mais fortes e vibrantes, tais como o vinho e o dourado.

Foto 3 - A rainha no dia em que antecede a coroação



Fonte: Arquivos da pesquisa (2021)

Os bordados são cuidadosamente elaborados, a coroa, a capa, os colares, os brincos e os braceletes somam-se ao requinte da vestimenta. O rei ganha o cetro, a coroa, a capa e as suas vestes têm detalhes em veludo e bordados dourados, ver imagem 4, a cor é bem mais chamativa que nos dias anteriores. A bota confeccionada exclusivamente para esse dia, também é outro elemento que se destaca.

Foto 4 - O rei e a rainha no dia da coroação



Fonte: Arquivos da pesquisa (2021)

O luxo apresentado nas indumentárias são expressões de saberes culturais estéticos que se conectam diretamente às tradições ancestrais da realeza africana. As roupas do rei e da rainha utilizadas nas festividades negras, durante o período colonial, eram elaboradas com tecidos luxuosos, bordados meticulosos e adornos preciosos, refletem um sentido de nobreza e de poder que remete à rica herança das civilizações africanas. A respeito disso, Schwarcz (1998, p. 27) argumenta que “[...] é a estrutura social da corte que permite compreender o fenômeno do luxo”.

Para explicar essa afirmação, ao referir-se aos modos como as realezas africanas por ocasiões de suas festas vestiam-se, a autora segue sustentando que as roupas garantiam à realeza “[...] certa estabilidade de posições, marca visível de relações que se constituem de forma invisível” (Schwarcz, 1998, p. 27). Assim, as indumentárias funcionam como um *argumento cênico* que coloca os reis da festa em determinada posição de poder diante de quem os assiste. Diz Schwarcz (1998, p. 27), que “[...] é a etiqueta jogando o seu jogo”. No caso específico da Marierrê, as roupas representam um costume, que aparece como primordial na festa, a roupa da realeza não é um adereço mais imprime, de forma simbólica, o prestígio alcançado pelo negro.

Dessa forma, as vestimentas não são apenas ornamentos vistosos, mas carregam um simbolismo intrínseco de dignidade e de história. Na era colonial do Brasil, onde muitos povos africanos foram escravizados, essas celebrações representavam uma forma de resistência cultural e uma maneira de preservar as tradições de seus antepassados, simbologia mantida ainda hoje. As roupas de realeza, usadas nessas festas, não apenas lembram os costumes da África, mas também reafirmam a identidade e a autoestima das comunidades afrodescendentes.

Além da estética luxuosa, as vestimentas também desempenham um papel crucial na hierarquia e na organização da Marierrê, onde cada peça é cuidadosamente selecionada para representar cargos específicos e responsabilidades dentro do evento. Dessa forma, as roupas do rei e da rainha não são apenas um reflexo visual de beleza e de opulência, mas também uma manifestação palpável da resistência cultural e da continuidade das tradições africanas no contexto brasileiro.

Cardoso (2016) afirma, no prefácio do livro *Festas da diáspora negra no Brasil*, que as festas de populações negras apresentam traços comuns, já que todas elas

[...] são lugares de celebração, rememoração, ressignificação, na qual ganha primazia não o discurso letrado, a memória institucional em si documenta os esforços coloniais de todos os grupos dominantes na história ocidental. Nossas narrativas se escoram nos corpos, nas vozes, nas vestimentas, no som dos tambores, nas performances, configuram quase sempre uma memória de lutas do passado no presente (Cardoso, 2016, p.8).

A relação entre os saberes estéticos e a cultura festiva nos rituais da Marierrê é profundamente enraizada na valorização da identidade cultural afro-brasileira e na celebração das tradições ancestrais. Reitera-se alguns pontos que exploram essa conexão.

O resgate da estética africana nas vestimentas usadas não são apenas um reflexo da riqueza material, mas também uma forma de reafirmação e de preservação da estética africana. Tecidos como o cetim, brocados, bordados intrincados e cores vibrantes são escolhidos não apenas por sua beleza, mas também por suas conexões históricas com os padrões de vestimenta da nobreza e liderança em várias culturas africanas.

O simbolismo cultural, visto que cada elemento das vestimentas carrega um significado cultural profundo. Por exemplo, certos padrões de tecido, cores específicas e acessórios, como coroas, pulseiras e colares, podem indicar status e hierarquia dentro da comunidade, ou até mesmo representar símbolos espirituais e de proteção. Durante séculos, esses trajes têm sido uma forma de afirmar a dignidade e a história das comunidades negras no Brasil, especialmente em um contexto em que a cultura africana foi sistematicamente reprimida e marginalizada.

Há ainda um destaque para a performance e a espiritualidade, já que além de sua função estética, as vestimentas desempenham um papel fundamental nas performances rituais dos festantes. Ao vestir-se como reis, rainhas, príncipes e princesas, esses sujeitos não apenas honram seus antepassados, mas também invocam a espiritualidade e a conexão com a ancestralidade, reforçando assim a importância ritualística e sagrada dessas celebrações.

Percebe-se que as indumentárias também se associam à continuidade cultural em razão da transmissão e da preservação dos saberes estéticos associados às vestimentas da Marierrê que são passadas de geração em geração. As técnicas de costura, de bordado e a escolha de materiais são ensinadas e aprendidas dentro da vila de Carapajó, garantindo a continuidade e a vitalidade dessas práticas culturais.

Em suma, as vestimentas luxuosas representam um testemunho vivo de uma

educação herdada, da resistência e do respeito pelas tradições africanas no Brasil. Esses trajes são uma forma de expressar e de afirmar a identidade cultural do lugar. Os saberes presentes nas indumentárias e nos símbolos da Marierrê são mediadores de uma forma de educação profundamente enraizada em saberes culturais não escolares.

Cada peça de vestuário e de adereço carrega consigo uma narrativa complexa e simbólica, transmitindo conhecimentos ancestrais sobre técnicas artesanais, como as técnicas de bordado. A escolha das cores e dos padrões das peças, como os vestidos, os ternos e as coroas, refletem significados profundos, como a representação de linhagens familiares, a comunicação de status social ou o reconhecimento de conquistas comunitárias. A confecção e o cuidado com estes artefatos contribuem para a educação de suas comunidades, mantendo viva uma forma de conhecimento que transcende as fronteiras da educação formal.

Os símbolos utilizados na Marierrê possuem um papel crucial na ritualística e na narrativa religiosa da celebração. A autoridade, a devoção, a fé, dentre outros significados, comunicam, reforçam e sustentam a festa. Assim, tanto nas indumentárias quanto nos símbolos da festa, os saberes estéticos estão intrinsecamente ligados à transmissão de identidade cultural, valores religiosos e histórias compartilhadas. Eles servem não apenas como expressões visuais de pertencimento, como também veículos para a preservação e a continuidade das tradições ancestrais que fundamentam.

Nessa perspectiva, ao tecermos conexões entre a interculturalidade, os saberes e a festa, acionamos dispositivos que deflagram uma série de conceitos que emergem nas e das comunidades locais e, posteriormente, podem e passam a ser dialogados no âmbito acadêmico. Sendo assim, entende-se que o processo de interculturalidade, em todas as dimensões, está indissoluvelmente ligado às manifestações culturais e a sua diversidade de saberes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As vestimentas configuram-se como parte das práticas culturais da Marierrê e refletem uma pedagogia na qual sujeitos historicamente subalternizados criam formas de conhecimento e de identidade a partir de suas experiências e resistências. Essas práticas culturais representam modos alternativos de educar e de transmitir saberes. Os participantes da festa de Marierrê elaboraram suas pedagogias rompendo com a hegemonia colonial e eurocêntrica, expressando suas identidades e suas heranças culturais por meio de vestimentas

que carregam significados estéticos e simbólicos profundamente enraizados em tradições africanas.

A despeito das marcas deixadas pelo eurocentrismo e suas formas de marginalização e de subalternização dos saberes culturais afro-brasileiros, as vestimentas da Marierrê, com suas cores vibrantes, tecidos luxuosos e simbologias ancestrais, reconstroem identidades reprimidas, resistindo à imposição de uma narrativa única. Assim, ao reivindicar a estética africana em suas indumentárias, os sujeitos da festa não apenas preservam essas tradições, como também subvertem a narrativa colonial, afirmam a centralidade dos saberes afrodescendentes e desafiam as imposições culturais externas.

As reflexões no entorno da interculturalidade crítica, afirma que essa abordagem não se limita ao reconhecimento superficial da diversidade cultural, mas exige a transformação das estruturas de poder que mantêm as desigualdades. No contexto da Marierrê, nota-se que as vestimentas e os rituais performáticos transcendem o caráter estético, atuando como atos de resistência cultural. Essas práticas não apenas reafirmam a presença e a importância da herança africana, mas também subvertem normas estéticas impostas pelo colonialismo. Ao utilizar essas vestimentas em contextos sagrados e performáticos, os festantes reconfiguram as hierarquias culturais e desestabilizam a supremacia eurocêntrica.

Neste artigo, destacou-se a interculturalidade crítica como um processo dinâmico de ressignificação dos símbolos culturais, no qual as tradições são constantemente transformadas. Portanto, no caso das vestimentas da Marierrê, a transmissão de técnicas e de saberes estéticos repassados de geração em geração garante a continuidade dessa prática cultural, que se mantém viva e se adapta às novas realidades. Essas vestimentas, além de expressar resistência, simbolizam o respeito pelas tradições africanas no Brasil, e se constituem como uma forma de educação intercultural que valoriza os saberes não escolares e a transmissão de conhecimentos ancestrais. Ademais, por meio da estética e dos rituais, as vestimentas da Marierrê demonstram como a cultura local se reconstrói, resistindo às forças colonizadoras e afirmando uma identidade própria, profundamente enraizada no território amazônico e nas suas especificidades históricas e culturais.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. Festas para que te quero: por uma historiografia do festejar. **Patrimônio e Memória**, v.7, n.1, p. 134-150, 2011. Disponível em: <https://pem.assis.unesp.br/index.php/pem/article/view/3741>. Acesso em 7 de dez. de 2025.
- BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 7. ed. São Paulo: Hucitec, 1987.
- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- CANDAU, Vera Maria Ferrão. Educação intercultural na América Latina: entre concepções, tensões e propostas. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 38, n. 2, p. 373-388, 2012. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/pdf/de/v10n29/v10n29a09.pdf>. Acesso em 7 de dez. de 2025.
- CANDAU, Vera Maria (Coord.). **Multiculturalismo, direitos humanos e educação: a tensão entre igualdade e diferença**. Relatório de pesquisa, CNPq/Departamento de Educação, PUC-Rio, Rio de Janeiro, 2008.
- CARDOSO, Paulino de Jesus Pantoja. Prefácio. In: RASCKE, Karla Leandro; PINHEIRO, Lisandra Barbosa Macedo (Orgs.). **Festas da diáspora negra no Brasil**: memória, história e cultura. Porto Alegre: Pacartes, 2016. pp. 7-9.
- COSTA, Benedito Lelio. **Mari errê arrá**: Manifestações religiosas afro-brasileiras e a simbologia poética de afirmação do ser negro. Dissertação (Mestrado em Educação e Cultura), Universidade Federal do Pará, Cametá, 2020.
- CUNHA, Manuela Carneiro da. **Cultura com aspas e outros ensaios**. São Paulo: Cosac Naify, 2009
- FLEURI, Reinaldo Matias. **Educação intercultural**: mediações necessárias. Petrópolis: Vozes, 2020.
- GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.
- HALL, Stuart. **Da diáspora**: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.
- LACHMANN, Renate. **Memória e literatura**: intertextualidade em literatura. São Paulo: Perspectiva, 1988.
- RAMOS, Kellyane Lisboa; NOGUEIRA Eulina Maria Leite; FRANCO, Zilda Gláucia Elias. A interculturalidade crítica como alternativa para uma educação crítica e decolonial. **EccoS - Revista Científica**, São Paulo, n. 54, p. 1-10, 2020. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-92782020000300207. Acesso em 7 de dez. de 2025.
- RODRIGUES, Denise Sousa Simões; OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno de; MOTA NETO, João Colares de; TÁVORA, Maria Josefa de Souza. Cultura, cultura popular amazônica e a construção imaginária da realidade. In: OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno de; SANTOS, Tânia Regina Lobato dos (Orgs.). **Cartografias de Saberes**: representações sobre a cultura amazônica em práticas de educação popular. Belém: EDUEPA, 2007. p 21-36.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. **As barbas do Imperador** - D. Pedro II um monarca nos trópicos. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- WALSH, Catherine. Interculturalidade crítica e pedagogia decolonial: in-surgir, re-existir e (re)

viver. In: WALSH, Catherine et al. **Decolonialidade e práticas pedagógicas insurgentes**. Porto Alegre: Mediação, 2009. p. 12-25.

Recebido em: Abril/2025.

Aprovado em: Julho/2025.